



O bibliotecário e a mediação de leitura e informação na biblioteca universitária intercultural, em Santarém-PA¹

Mayco Ferreira Chaves²

Como se daria a prática de mediação de leitura e informação com alunos indígenas e quilombolas para a produção de sentido no espaço da biblioteca universitária intercultural, sendo mediada pelo bibliotecário? Essa é apenas uma questão de partida que traz a reflexão sobre o trançado entre sujeitos, leitura, mediação e biblioteca, no campo da Ciência da Informação.

Observa-se em estudos de Jonathan Silva (2015) a compreensão da mediação como uma construção social, crítica e determinada a partir da prática para a teoria. Indica que é preciso refletir sobre a mediação de leitura e informação por meio das relações sócio históricas, identificando ainda três tipos possíveis de mediação em função de contextos coletivos e plurais: a mediação técnica, a pedagógica e a institucional.

Com Bernd Frohmann (2008) e Michael Olsson (2013) se pode entender a informação como construção social, efeito das relações e práticas sociais com documentos, assim como a linguagem, sendo a leitura inserida em contextos histórico-sociais e culturais.

Miriam Aquino (2000) reconhecendo a leitura como prática social, centra sua análise na relação sujeito-conhecimento-mundo. Alessandro Rasteli e Lidia Eugenia Cavalcante (2014) destacam que o papel do bibliotecário como mediador de leitura pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos por meio das mais diversas

¹ Trabalho apresentado no GT18 – Experiências de Mediação de Leitura na América Latina – ambientes escolares e não escolares.

² Bibliotecário-Documentalista, da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). Mestrando em Ciência da Informação, da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: maycochaves@yahoo.com.br.



formas e práticas de leitura, ajudando-os no complexo processo de ler/interpretar e de produzir sentido.

No entanto, é importante também a problematização da leitura, como Lídia Freitas (1994) nos mostra o quanto o discurso sobre o conceito de leitura, em nossa sociedade, é visto como sacralizada, como um dom, sendo fundamental compreender que a importância não está na leitura e sim no leitor, uma vez que sem esse sujeito a prática da leitura não se concretizaria. Assim, partimos para uma reflexão sobre uma outra visão de discurso a respeito da leitura, que “o cidadão crítico e criador é importante para a formação do leitor, que por sua vez poderá cada vez mais ser cidadão crítico e criador etc.” (FREITAS, 1994, p. 45).

Com esse trançado informacional, segue-se para o contexto amazônico, mais especificamente, na cidade de Santarém (PA), na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), a qual adotou a partir de 2012, com a Lei nº 12.711– Lei de cotas, a reserva de vagas para negros, pardos e indígenas. E dados atuais mostram que 2016, conta com, aproximadamente, 300 alunos indígenas, e de 2015 a 2016, 106 alunos quilombolas, regularmente matriculados.

Observar-se em levantamentos iniciais, segundo dados do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA), o número de vagas abertas aos estudantes nas universidades federais, para as cotas de negro, pardos e indígenas, cresceu, em 2012 foram 13.392, em 2013 foram 37.028, e em 2014 foi de 43.613.

Assim, observamos que nas últimas décadas, as universidades brasileiras contam com um grande quantitativo de alunos indígenas, quilombolas e negros, o que pode não significar que ela tenha mudado seu modo de operacionalização e seu projeto civilizatório – continua o processo de reeducação desses sujeitos pertencentes a grupos diferentes que entram no ensino superior, mas o que mudou foi a composição social das universidades que teve alterações.

Apesar da sua expressiva presença no espaço universitário, esses sujeitos se deparam com dificuldades para a sua permanência, como conflitos nas relações étnicos-



raciais, preconceito, racismo, além de estudar em um idioma diferente do seu, não contando com material informacional e bibliográfico multilíngue.

Nesse sentido, a universidade se preparou (ou nunca se preocupou em estar preparada) para a entrada dos indígenas, quilombolas, negros, as chamadas minorias, que na verdade são grandes majorias? Onde está a interculturalidade na biblioteca? Sendo esta um espaço onde predomina a cultura erudita, a cultura da escrita. Povos de tradição oral como indígenas e quilombolas, se reconhecem nesse espaço? Sentem-se representados?

Nesse sentido, a fala do ativista indígena, antropólogo e professor da Ufopa, Florêncio Vaz Filho diz que:

Se a Universidade não tem sido por si mesma intercultural, se não tem favorecido a interculturalidade, os indígenas chegaram para forçar este processo. E é assim que a cara e o jeito das universidades no Brasil estão sendo transformados, e sendo levadas a uma interculturalidade de fato. E este caminho parece que não tem volta. Ao menos no que depender dos estudantes indígenas (VAZ FILHO, 2016, p. 18).

Assim, podemos pensar o que nossas bibliotecas podem fazer para contribuir com esse debate e combate aos processos de discriminação, preconceito e racismo. Isso porque falamos dos indígenas, negros e quilombolas, sem esquecer de outros como homofobia, transfobia, lesbofobia, machismo, que estão tão marcantes e presentes na sociedade.

É nesse cenário, que a atuação do bibliotecário como mediador de leitura e informação pode ter um papel fundamental enquanto um agente de mudança numa sociedade que vive processos discriminatórios e de exclusão aos que se mostram culturalmente não enquadrados na cultura dominante na Universidade.

Pode-se pensar, também, o espaço da biblioteca, sob o viés da interculturalidade, para a valorização da diversidade cultural, democratização e acesso à informação e um espaço também de luta contra formas de discriminação e desigualdades sociais. Assim como nas ações afirmativas, não basta apenas proporcionar o acesso ao ensino superior, mas oferecer condições que garantam a permanência dos indígenas e



quilombolas nesse espaço, contribuindo para a efetivação da cidadania e promoção de um diálogo verdadeiramente intercultural.

Em que sentido de interculturalidade? Aqui buscamos o que fala o Grupo de Estudos Cotidiano, Educação e Cultura(s) (GECEC), coordenado pela Professora Vera Candau, que ao tratar sobre a educação intercultural, diz que ela:

parte da afirmação da diferença como riqueza. Promove processos sistemáticos de diálogos entre diversos sujeitos - individuais e coletivos, saberes e práticas na perspectiva da afirmação da justiça - social, econômica, cognitiva e cultural -, assim como a construção de relações igualitárias entre grupos socioculturais e da democratização da sociedade, através de políticas que articulam direitos da igualdade e da diferença (CANDAU, 2014, p. 1)

Assim, refletir sobre a riqueza da diferença, sendo articulada para identidades plurais só enriquecem os processos pedagógicos, devendo ser reconhecidas e valorizadas. Dessa forma, pode-se refletir sobre as ações de mediação de leitura e informação, na biblioteca universitária, como processos de inclusão pedagógica, cultural e também de respeito à alteridade de grupos e sujeitos.

No entanto, pensar num espaço caracterizado por uma diversidade cultural, em que se tem uma cultura dominante institucionalizada, que se sobrepõe diante das demais, como se resolveria conflitos de interesse e poder? É até difícil de responder, sendo este um processo longo e histórico.

Nessa direção, ao tratar sobre o reconhecimento de uma sociedade cada vez mais heterogênea, marcada por uma diversidade cultural e linguística, a International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA), produziu um documento intitulado Manifesto por uma Biblioteca Multicultural, destacando a biblioteca como um importante equipamento para o acesso, uso e disseminação da informação para todos os sujeitos, funcionando com um centro de aprendizagem, cultural e de informação (IFLA, 2008).

Reconhece-se, portanto, a função educativa e pedagógica do profissional bibliotecário como um mediador de leitura e informação, especialmente num espaço de



diversidade cultural, ao implementar ações e programas que visem à busca, ao uso e à apropriação da informação, contribuindo para a independência e a autonomia do sujeito-leitor, trabalhando sempre numa construção conjunta, quem sabe, de uma outra leitura, uma outra mediação, no espaço da biblioteca. Podemos, então, entender, mesmo que de forma introdutória, ser essa essência de uma biblioteca universitária intercultural.

Referências bibliográficas

AQUINO, Miriam de Albuquerque. *Leitura e produção: desvelando e (re)construindo textos*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2000.

CANDAU, Vera Maria. *Concepção de educação intercultural*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2014. (Documento de trabalho).

FREITAS, Lídia Silva de. Uma leitura crítica da crise da leitura. *Cadernos BAD*, Lisboa, Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, n.3, p.39-47, 1994.

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, M.; MARTELETO, R.; LARA, M. (orgs). *A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008. p. 19-34.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. *Manifesto IFLA por la Biblioteca Multicultural*. 2008. Disponível em: <http://www.ifla.org/files/assets/library-services-to-multicultural-populations/publications/multicultural_library_manifesto-es.pdf>. Acesso em 10 ago.2016.

OLSSON, Michael. Gently to hear, kindly to judge: the affective information practices of theatre professionals and journalists. *Information Research*, v. 18, n. 3, 2013. Disponível em: <<http://InformationR.net/ir/183/colis/paperC22.html>>. Acesso em: 08 ago. 2016.

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lídia Eugênia. Mediação cultural e apropriação da informação em bibliotecas públicas. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, v. 19, n. 39, p. 43-58, jan./abr., 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n39p43/26577>>. Acesso em 14 ago. 2016.



SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Percepções conceituais sobre mediação da informação. *InCID. R. Ci. Inf. e Doc.*, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 93-108, mar./ago. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/89731>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. A rebelião indígena na Ufopa e a força da interculturalidade. In.: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 30., 2016, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Associação Brasileira de Antropologia, 2016.